Interações no Ambiente Escolar: Dinamizando a Aprendizagem/UFSM

Angela Meincke Melo[♦]
Daniele Noal[♦]
Graciela Fagundes Rodrigues[♦]
Reinoldo Marquezan[•]

RESUMO

A complexa rede de relações interpessoais constituída na sala de aula interfere diretamente na dinâmica da aprendizagem. Os papéis ocupados por cada integrante do grupo escolar são relevantes no nível de desempenho de cada membro, na medida que, as relações entre estes interfere no seu aproveitamento. A presente pesquisa teve como propósito identificar a estrutura sócio-afetiva do grupo de sala de aula e realizar reuniões com os professores das escolas envolvidas no trabalho, através de discussões referente a teoria construtivista e atividades que promovessem a interação no grupo. O estudo desenvolveu-se em quatro escolas de ensino fundamental, com cinco turmas de primeira série. As posições sociométricas dos alunos foram identificadas através do Teste Sociométrico. Com base nos dados analisados constatou-se que 60% dos educandos da amostra posicionavam-se em zona de rejeição e isolamento o que indica, em permanecendo tal situação, problemas no processo de construção do conhecimento. Acreditamos que o resultado desta pesquisa que ainda requer maior confirmação, é um bom indicador para a conscientização do educador sobre o desenvolvimento social do discente, pois oferece meios de formar um cidadão mais ativo nas trocas com seu grupo de convívio.
Palavras-chave: dinâmica de grupo, aprendizagem, sala de aula

ABSTRACT

The learning dynamic is made through mutual interactions, in which students and teachers establish both social and affective relationships. Inside the classroom those relationships lead the way to promote and effectuate the formal learning. This article will present the results of the research that had the objective of interact with the teacher in an intentional way, persuading him or her to increase the situations where the students should be interacting among themselves. At first, the Social metric Test was applied as an instrument to identify the groups' social-affective structure. In second hand, a meeting with the teaching staff approached referent matters to the groups' dynamic and constructive learning conceptions. We believe that, according to the Constructive Learning Theory, the interaction and the group dynamic among the constituent classroom members of the group is fundamental to a significant learning acquisition for the students.
Key words: group dynamic, learning, classroom.

♦ Acadêmicas do Curso de Educação Especial - UFSM

• Professor do Departamento de Educação Especial - ORIENTADOR

A prática educativa engloba diferentes variáveis no processo de ensino aprendizagem e que podem definí-la ou configurá-la. Podemos considerar a escola, a família, a sociedade, enfim, o ambiente sócio-cultural do qual estamos imersos como sendo uma destas variáveis, e que refletem diretamente no ambiente escolar. É também neste ambiente que as crianças intensificam sua socialização e estabelecem vínculos diversificados.

A dinâmica da aprendizagem se dá através de interações mútuas, nas quais educandos e professores estabelecem relações sociais e afetivas, sendo a sala de aula o ambiente em que estas relações se solidificam e caminham em direção a efetivar e promover o aprendizado.

Sob o enfoque da concepção construtivista de aprendizagem na qual a ênfase consiste na inter-relação entre os pares para consolidar-se a aprendizagem, estudos a partir desta perspectiva irão permear o presente trabalho, assim como algumas considerações relevantes a cerca do processo de interação e a função dos grupos que são estabelecidos em sala de aula. Outro aspecto a considerar é a relevância do conhecimento, por parte do educador, da estrutura e dinâmica da sala de aula na qual atua afim de que considere fundamental propor ações pedagógicas que venham proporcionar trocas mútuas entre seus educandos no ambiente escolar e, em conseqüência, a aquisição de uma aprendizagem significativa a todos eles.

Este trabalho tem como propósito apresentar como as trocas sócio-afetivas estão ocorrendo em turmas de primeira série de quatro escolas municipais de Santa Maria/RS e de que maneira as mesmas interferem na construção da aprendizagem. Com o objetivo de identificar a estrutura relacional a partir das indicações de aceitação e rejeição vivenciadas pelos discentes na classe, utilizou-se o Índice de Posição Sociométrica – IPS, a partir do Teste Sociométrico.

O Teste Sociométrico foi utilizado para identificação da posição sociométrica dos alunos com posições de aceitação, posições de isolamento e posições de rejeição. A partir do Índice de Posição Sociométrica (IPS), que tem como objetivo auxiliar na compreensão da estrutura e dinâmica dos grupos sociais obtivemos, até agora, os seguintes resultados. Do total de cento e dois alunos foi observado que 32,3% encontram-se em posições sociométricas de rejeição e 28,4% em posições sociométricas de isolamento. Somando-se os alunos rejeitados com os alunos excluídos verifica-se que 60,7% destes estão interagindo de forma deficitária comprometendo, desta maneira, sua aprendizagem. Os 39,3% dos alunos restantes ocupam posições sociométricas de

aceitação, o que lhes confere, em função das trocas que realizam com os demais, maiores oportunidades de aprendizagem. Estes dados nos permitem inferir que estando a maioria dos alunos em zonas de risco (ZR), isolados ou rejeitados e, permanecendo esta situação, poderão experimentar dificuldades no desenvolvimento de sua aprendizagem.

CADA UM NO SEU GRUPO

Desde o nascimento, o indivíduo participa de diferentes grupos, numa constante dinâmica entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social. A criança estabelece vínculos grupais diversificados que vão se renovando e ampliando com o passar do tempo.

Alguns autores conceituam “grupo” como sendo um conjunto de indivíduos, com objetivos e ideologias semelhantes e que realizam atividades específicas para atingir estes objetivos, além de ser integrado por pessoas que se conhecem e que interagem com freqüência.

Dentro de um grupo e em busca de alcançar os objetivos traçados, cada componente assume um posição. Por mais que o resultado esperado seja o mesmo, cada indivíduo exerce sua fala, dá sua opinião, se cala, ou seja, cada um mantém sua individualidade, sua identidade. O grupo interno vai formando-se a medida que cada indivíduo vai internalizando os outros um a um.

Cada pessoa constrói sua identidade a partir das relações sociais, assim, desde que nascemos estamos vivendo em grupo, estamos rodeados de pessoas que nos influenciam inconscientemente. Refletimos ações e falas de muitas pessoas, até formarmos o nosso eu.

> O campo grupal se constitui como uma galeria de espelhos, onde cada um pode refletir e ser refletido nos e pelos outros. Os indivíduos parecem lembrar em alguns aspectos uns aos outros. Isto constitui uma unidade no grupo, que no entanto não pode gerar exclusão de opostos, pelo contrário, o conceito atual de unidade é de inclusão dos opostos. (Cordioli, 1998, p.230)

Distinguem-se dois tipos de grupos, o primário e o secundário. Grupos como a família ou amigos próximos são considerados primários, já grupos de estudo, trabalho, são grupos secundários. Dentro de cada grupo ocupamos um papel, uma função;

existem várias posições que podemos ocupar, sendo agressivos, alegres, eloqüentes, tímidos. Se mantermos sempre um papel, nos tornamos um estereótipo, nos cristalizamos e assumimos uma forma que pode durar pelo resto da vida.

Muitas vezes esta estrutura se dá sem que percebamos. Colocamos características em outras pessoas por não podermos aceitá-las em nós. Rotulamos pessoas como: choronas, brigonas, preguiçosas. Distribuímos este rótulo para que possamos nos equilibrar.

Podemos ocupar cinco posições distintas no grupo: O líder de mudança é aquela pessoa que enfrenta os conflitos, busca as soluções, arrisca-se diante de novas situações. Já o líder de resistência freia os avanços, faz com que o grupo repense suas decisões, dá idéias mas não faz com que se cumpram tarefas. Estes dois componentes fazem com que o grupo se equilibre.

Há também o bode expiatório que assume as culpas, dando leveza ao grupo, lhe tirando as preocupações, e os silenciosos fazem com que o resto do grupo se obrigue a falar. Estes recebem muitas críticas por permanecerem em silêncio, no entanto, nem sempre por que ficaram calados quer dizer que não tenham opinião.

Finalmente têm-se o porta-voz, ele expressa os sentimentos do grupo, explica o que está acontecendo, quais os conflitos existentes. No entanto ele não assume um papel de líder, apenas um papel esclarecedor.

O grupo não é apenas um amontoado de indivíduos e sim o resultado do confronto entre a história do grupo e as histórias de seus indivíduos. Do trabalho em grupo surgem situações inusitadas, desconhecidas, desafios, descobertas.

Deve haver uma constância nos elementos de um grupo, além de uma rotina e atividades integradoras, conjuntas, devem ser feitas sistematizações das atividades. No grupo há uma heterogeneidade e as diferenças devem ser respeitadas.

A espontaneidade, a veracidade, a inconstância, a ousadia, o choro, a alegria, o medo do diferente, o medo de ousar deve ser contornado ou superado. Para que isso ocorra cada um deve refletir sobre o todo e sobre o seu eu. Não construímos nada sozinhos, precisamos dos outros, precisamos aprender a respeitar os nossos limites para que a convivência em grupo seja proveitosa e prazerosa, para que possamos superar o desânimo e o medo.

E considerando a discussão sobre grupo podemos salientar a sala de aula como um espaço onde as multiculturas e os múltiplos saberes se encontram. Tomando como

base este ambiente, algumas questões devem ser pensadas pelos educadores, como - O que é grupo? – A classe escolar constitui um grupo?

A classe é o lugar onde acontece o ato educativo. Esse ato educativo deve ser entendido contendo duas finalidades o de favorecer a socialização entre os alunos e também a aprendizagem cognitiva. É preciso salientar que até pouco tempo a socialização não era levada em conta na sala de aula, o mais importante era a memorização e a aprendizagem mecânica dos conteúdos escolares. Porém, com as transformações sociais ocorridas nos últimos anos, não somente da sociedade em seu conjunto, mas também das práticas escolares, a escola precisou ser mais democrática e, o que nos desafia atualmente, precisa ser inclusiva.

A educação em geral, e a escola em particular, devem promover o desenvolvimento pessoal de cada educando, a fim de que ocorra a sua inclusão como ser humano, como ser global no ambiente em que vive. Neste âmbito, a inclusão pode ser entendida como as diferentes relações que são estabelecidas entre indivíduos com o grupo, sendo a sala de aula um dos principais ambientes pelo qual se concretizam essas relações.

Além disso, o grupo escolar é caracterizado por suas diversidade e que são peculiares a todo e qualquer grupo, seja ele escolar ou não, dentre elas estão – as interações, objetivos, comportamentos, estrutura e organização e diferentes papéis desempenhados.

Com isso, faz-se necessário que o educador conheça o seu espaço, seu território, ou seja, tenha em mente o quê, para que e para quem dirige sua prática pedagógica. Ele conhece seus alunos? Conhece as diferentes grupos que se formam na sala de aula? O aluno não encontra-se isolado no grupo escolar, ele estabelece comunicação, forma redes de relações e a sua elaboração do conhecimento se dá através da troca com outro, conforme estudos realizados. E é buscando refletir e conhecer o ambiente onde o educador pisa, que ele proporcionará aos seus educandos uma educação mais humanizadora no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, D.J. **O Teste Sociométrico**. Porto Alegre: Globo, 1974.

COLL, C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FABRA, M.L. **Tecnicas de grupo para la cooperacion.** Barcelona: Ceac, 1994.

GROSSI E BORDIN. **Paixão de Aprender**. Petrópolis: Vozez, 1998.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizagem e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.